

# A TORRE DE BABEL.



CADA LOUCO COM O SEU TEMA.

Bandarra prof. 9999.

Vende-se na Typog. de GUEFFIER &amp; COMP., rua da Quitanda, n.º 79, e nas lojas do costume

RIO DE JANEIRO: TYPOGRAPHIA DE GUEFFIER E C.º.

## RESURREIÇÃO.

Gloriosa sem duvida he a da Torre de Babel, que surge de entre os mortos para dizer as cousas que vio lá no outro mundo. Começarei pelo Sermão de graças, alagando-as á todos, e á cada hum de *persi* pelo acollimento e benévola attenção com que o Publico desta Capital a honrou durante a sua curta existencia. Com effeito, si o merito de um Journal póderaaçaliar-se pelo interesse com que era lido e relido no instante mesmo da sua aparição, a Torre dixeria occupar o primício lugar entre todos os Periodicos do Rio de Janeiro; porém a novidade do seu estilo foi talvez o causador desse entusiasmo, que mui prouto se converteu em impetuosos de parte de lumps, porque, erão de oposta crença, e de outros porque não continuou escrevendo os vivos e os mortos — Da-se-lhe coherencia mais notavel? Sem embargo, he impossivel descrever a sensação que causou geralmente a suspensão da Torre; parecia negocio de tratado, cujo segredo interessava á todos; todavia posso affiançar que neste negocio não houve a menor influencia politica; foi hum acto meo, e muito meo, de que ninguem tinha direito para inerepar-me, porque este papel he somente meo, custou o meo dinheiro, e sahio da minha penna sem ajuda de terceiro. Ora hea; o papel suspendeo-se porque eu quiz, continua porque eu quero, e continuará em quanto eu quizer; porque no que toca á minha bolsa e á minha penna, seja-me licito conjugar o verbo *volo*, assim como outros conjuga o verbo *rapio* no que toca ás bolsas alheias, e ninguem lhes diz nada. Portanto, para evitar mais adiante novas injurias e novas suspeitas, não se recebem mais subscrições; e o que queira ler a Torre, compre o seu competente numero, ou scrva *tant pis, pour lui*. Sem embargo, faremos todo o possivel para que saja nos dias prefixados;

vender-se-hão os numeros axulsos com os cinco anteriores, ultimamente reimpressos, nas lojas do costume, e continuará assim até que se acabe; isto he, até que eu me aborreça de escrever, ou o Publico de ler-me, em cujo caso não haverá aggravado de parte á parte.

## CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

Lendo nós no *Independente* de 27 de Fevereiro hum artigo, em que o seu *sujo e fúscu* Redactor ataca o Sr. General José de Lima, chamaudo-lhe clara, e terminantemente impostor, porque não achou o seu nome na historia de hum tal Ducoudré Holstein, filho da Baixa Bretanha, e Corsario em Cartagena no anno de 1815, á quem o *Independente* arvora em famoso *General Inglez* pela sua *mui alta e mui petulante pedantaria*; tendo a audacia de impingir ao Publico que a tal historia he a *mais authentica e circumstanciada* que até agora tem apparecido, quando apenas he hum libello famoso contra o Libertador de Colombia, cheio de falsidades, de mentiras e imposturas; onde não se lê hum só acontecimento exacto, assim como nomes trocados, datas intrinsecamente erroneas, e Padilha em Porto Cabello, onde nunca esteve na sua vida etc.; só porque o tal Holstein se titula, elle mesmo, General de Brigada em tempo em que não havia semelhante grão no Estado de Cartagena, oito annos antes da existencia da Republica de Colombia; e Chefe do Estado Maior de Bolivar, quando este apenas era Coronel, e não podia ter por seu Chefe de E. M. á hum General; dizendo que não achou lá o nome do Sr. Lima na batalha de Porto Cabello; Não sendo nós tão pedantes e audazes como o *fúscu Independente*, asseguramos que ha

outra, ou outras historias de Colombia dignamente escritas por Americanos, e que casualmente possuimos huma verdadeira, e composta toda de documentos authenticos, e redigida por huma Sociedade de Sabios Colombianos em Caracas, em cuja historia (tomo 4.º pag. 32) se acha justamente o Boletim do assalto da Praça de Porto-Cabello, unico documento official que existe á tal respeito, no qual se lê em dous diferentes lugares o nome do nosso amigo, recommendado pelo famoso General Paez de quem era 1.º Ajudante de Campo. Para dar pois o mais formal desmentido ás calumnias do fusco Independente fica exposto o dito 4.º tomo na Typographia do Sr. Guelfier, rua da Quitanda n.º 79, assim como a medalha honrosa que lhe foi dada com o seu nome por aquelle importante successo. Suplica-se encarecidamente ao Respeitavel Publico queira ir á desenganar-se vendo com os seus proprios olhos o interessante documento á fim de que possa decidir então, qual dos dous he o impostor. Que dirá agora o Independente que assegure que *neulém dos escriptores que se hão occupado das Campanhas de Colombia, e de Bolívar, falla em scurilhante nome?* Quantos Escriitores haverá elle visto? e que tal o petulante? Rogamos igualmente á todos os Srstredactores dos Jornaes imparciaes, tenham a bondade de reproduzir em suas folhas o presente annuncio para mais publicidade. Nos compromettemos desde já á desmentir com documentos officiaes e authenticos qualquer nova impostura ou calumnia.

*Huns amigos do General Lima.*

CARAMURÚ.

Não vou de acordo com o que diz certa gente, ergo sou Caramurú; digo que a palavra do General Labatut deveo cumprir-se á toda custa, ergo sou Caramurú; digo que os Juizes de Paz que permitem o uso de armas aleijosas, são Juizes de guerra, e não Juizes de Paz, ergo sou Caramurú; digo que isto não vai bem, em lugar de dizer que vai optimamente, ergo sou Caramurú; digo que D. Pedro não deve ser proscripto como hum infame sem que á nodosa da proscriptção recaia sobre seu filho, ergo sou Caramurú; digo que o 7 de Abril foi huma sedição militar, e não huma revolução gloriosa, ergo sou Caramurú; digo que o Governo de D. Pedro não foi tyrânico nem despotico, sinão frõuxo, imbecil, prodigo, despresivel e cobarde, como o actual que não he melhor que aquelle, ergo sou Cu-

ramurú; digo que a voz *liberdade* he a palavra sagrada com que huns quantos Americanos Lomelas tem posto em contribuição o Brasil, ergo sou Caramurú; digo finalmente que os Caramurús não são assassinos, assim como digo que o não he a Sociedade Defezora, sem embargo sou por isto Caramurú. isto he, *Assassino*; bravo, bravo, viva a logica!! Pois bem, eu sou tudo isto, e alguma cousa mais. Os Moderados, e os Exaltados para melhor explicarem, querem que a seita dos Caramurús, seja huma especie de Maçoneria em que ha hum grande segredo á guardar, e varios grãos á recortar. Conzinhos pois em que assim he; e assim como ha catecismos de Maçoneria formemos o catecismo da *Caramururaria* (esta palavra he do meo Dicionario) e vamos desenvolvendo a ordem *Carambronica*, assim como a Maçonica pelos seus grãos.

1.º Grão: — São todos aquelles que desejão que o Buque de Bragança volte ao Brasil, ponha o filho no berço, tire-lhe a coroa que pesa muito para huma criança, ponha-a sobre a sua cabeça; e empunhe o sceptro de novo, collocando na mão do Principe hum *Calunga* de cera. — Estes são muito poucos; apenas trahão na pedra bruta e por isso são chamados *Caramurus brutos*. Neste grão está comprehendido o grande segredo, que he o mesmo que o da Maçoneria; isto he, apanhão hum *papaleo* ou hum tolo á titulo de segredo, e logo vai passando de grão em grão, pagando joias e mensalidades, e por fim chega aos 35, e o segredo, não apparece — porém em fim dizem que ha hum segredo, e he myster convir com o vulgo.

2.º Grão: — São aquelles que desejão que volte D. Pedro, e que se encarregue da Regencia como o parente mais immediato do Imperador, em virtude da Constituição do Imperio; que reviva a Corte e o luxo, porque isto dá de comer á muita gente; que restabeleça o exercito, e faça á todo o mundo official; que inforque a Regencia, o Ministerio, e a Camara dos Deputados; que faça General á finto Madeira, etc. — Estes são em maior numero que os primeiros, porém infinitamente pequeno ainda; trahão na pedra lavrada, e por isso são chamados *Caramurus ladinós*.

3.º Grão: — São aquelles que desejão o mesmo, que os do 2.º grão; porém sem Corte, sem luxo, sem exercito; sem forcas, e sem premios; que não castigue á ninguem, porque não he poder judicial, e nem dê premios á quem commettere assassinatos; que escolha Brasileiros para tudo, para tudo, até para limpar-lhe o ... porque *he gente para tudo*; assim devemos confessa-lo.

Estes trabalhão em pedras finas, e por isso são chamados *Caramurús Perfektos*.

4.º Gráo: — São aquelles que sem de-sejar que D. Pedro volte á ser Imperador, nem Regente, querem contudo que não o proscrivão; que o recebamos, si vólta como hum hospede nacional, com os braços abertos; que lhe perdoemos, não o que elle fez, senão o que deixou de fazer em bem do Brasil; que o consideremos como hum homem, cujo nome preenche o art. 4.º da Constituição do Estado. — Estes trabalhão em ferro, e por isso são chamados *Caramurús Ilustres*.

5.º Gráo: — São aquelles que sem querer que D. Pedro volte ao Brasil, desejão que fallem bem d'elle; que o respeitem como o Creador do Imperio; como o Sustentador da Integridade Nacional; como Pae do Imperador; como hum Príncipe Liberal, que deu duas cartas de alforria a dous povos escravos. — Estes trabalhão em prata, e por isso são chamados *Caramurús Excelentes*.

6.º Gráo: — São aquelles que não desejão, nem querem que D. Pedro volte; nem querem que fallem bem d'elle, porque com justiça não o merece; elle foi quem nos meteu neste *sípol*, e depois bateo as azas e vooire nos estamos agora claudando por páos e por pedras sem saber á quantas andamos; porém ao mesmo tempo não julgão racional nem moral, que o insultem, que o vituperem, que o enchão de baldões, sem lembrar-mo-nos de que tudo quanto digamos do Pae recae sobre o filho; isto he, senão pensamos que o actual Imperador he filho ..... em cujo caso bem podemos falar mal de D. Pedro. — Estes trabalhão em ouro, e por isso são chamados *Caramurús sublimes*.

7.º e ultimo gráo: — São todos aquelles que, abstracção feita de D. Pedro, desejão a felicidade da sua Patria; desejão a integridade do Imperio, se glorião de ter hum Príncipe nascido no Brasil como o 1.º Magistrado da Nação; querem hum governo legal, porem firme, e desinteressado; querem a Constituição em prática, porem não querem remendar huma Constituição nova só pelo gosto de dar hum Pai á cada criança, isto he, á cada remendo; querem seguridade, inviolabilidade de pessoa e bens, querem finalmente Governantes e Governados, porem não intrigantes e intrigados. Estes são infinitos, trabalhão em diamantes e por isso são chamados *Caramurús Sabios*.

Ora aqui tem o Respeitavel Publico resolvido o grande problema dos Caramurús; como eu tenho corrido todos os grãos, sou por isso chamado o *Gráo Caramurú*, e assim quero que me chamem todos, na in-

telligencia, de que o que o não fizer será chamado á Jurados por desacato á liberdade de Imprensa. Os Cathecismos de todos os grãos estão de venda nas lojas, etc.

#### RUSGA.

Motim, tumulto, alvoroço popular; traducção literal da palavra *Emcute*, que he original do paiz classico das rusgas. Dig não ser que papel, que as rusgas tem a sua lei de orçamento, porém não explica como concebe este orçamento; dito assim simplesmente, entende-se que as rusgas tem a sua receita e despeza; eu não vou de accordo n'isso, e concebo que as rusgas só tem despezas; ellas nada produzem senão desfalque no thesouro publico por gastos extraordinarios, e menoscabo da fortuna privada, pelo desasocego dos animos, e pela falta de segurança. Dizem que as revoluções são males necessarios; convenhamos, mas as revoluções tem hum resultado, e este resultado he quem justifica a necessidade, por que na colisão de dous males sempre se escolhe o menor; porém qual he o resultado de huma rusga? Nenhum, e se não tem resultado, he hum mal inutil e sem necessidade, porque não faz senão agravar mais o mal que se quiz remediar. Ha pois hum principio, ou hum germen que produz as rusgas em todas as Sociedades, e este principio não he o bem que sedesja, mas simo o mal que se quer fazer; este principio está no coração do homem como hum cancro que o devora; he pois necessario extirpal-o de raiz; tem por nutritivo a ambição de fama, ou de fortuna; vamos á ver pois como se poderia acabar com este frenesi; me parece que legalisando as rusgas, ficava tudo concluido; portanto de hoje em diante todo o mundo fica authorisado para fazer rusgas.

#### DECRETO.

A Regencia etc., Decretta:

Art. 1.º He livre a toda a pessoa o fazer quantas rusgas quizer; tambem he livre ao governo oppor-se á ellas ou fazel-as em sentido contrario.

2.º O que fizer huma rusga não he Heróe, nem amigo do Povo, nem o Diabo que o carregue.

3.º O que morrer n'huma rusga fica bem morto; ninguem terá direito de perseguir á outro porque matou a seu filho, á seu pai, ou á seu parente n'huma rusga.

4.º Como as rusgas são vias de facto, acabada huma rusga não haverá procedimento judicial, isto he, não se procederá á nenhuma via de direito.

5.º Todo rusguento será considerado como hum Japisarn, prompto a vender a sua espada em troco da sua cabeça, porque he livre a todo o mundo dispor da sua vida como bem lhe parecer. F., Ministro e Secretario de Estado etc., fica encarregado da execução deste Decreto.

Ora bem, isto chama-se legalisar a anarquia. Com effeito, quando huma grande calamidade publica, como esta, se faz congenial n'hum Povo, he necessario legalisar a para que caia em desuso. Em Inglaterra, o terror não pôde impedir que se cunhasse cobre falso; enforcou-se muita gente sem proveito, até que se authorisou ao povo para cunhar todo o cobre que quizesse e se acachou a moeda falsa, porque não he acharão mais conta. Assim succederia entre nós com respeito á armas prohibidas; obrigue-se á todo o mundo á usar huma espada de 7 palmos, e ninguém usará mais nem faca, nem pistola, e por fim nem espada.

#### ARMAS PROHIBIDAS.

Dizem que os Americanos Hespanhoes estão livres dessa praga por habito e por educação. Em Hespanha não podia ninguém usar espada sendo era nobre, assim todo o povo usava armas curtas, e os Hespanhoes da Europa fazem grande uso da faca; os arrieros apenas podem usar de huma espada curta a qual chamão *machetes*, ou de claviñas. Na America pelo contrario todos queião ser nobres, e o primeiro passo para a nobreza era a licença de usar de espada; e o que a levava se considerava já hum cavalleiro; orgulho que, com effeito, enobrece a alma, e a desvia da baixeza, e da aleivosia. Como todos usavão de espada, ninguém levava outra arma, e este do-tunne se fortificou mais com a guerra de Independencia, pois que as povoações se armavão em pozo para disputar a preza aos Hespanhoes. Em Portugal, pelo contrario, deo azo ao uso de armas prohibidas o contrabando; perseguidos os contrabandistas pela justiça, vinhão logo degradados para o Brasil, e aqui está o uso da faca estabelecido por habito e mantido por costume. He tal a moda hoje, principalmente nas Províncias do Norte,

que hum homem que não tem huma faca com cabo de prata e bainha pespontada, metida na bota, ou por dentro do colete não he *Pimpão*, termo he que se usavão muito por lá. Eu creio que se poderia cortar este abuso obrigando á todo o mundo á usar huma espada. Hum cobarde dá huma facada por detraz de huma esquina, porém nem todos sacão cara á cara uma espada para esgrimir-a com outra; os homens se respeitavão mais, e se mediravão em suas acções para não proveur de frente hum desafio com armas iguaes. Eu permitiria o duelo, o animaria por todos os meios passivos, sempre que se guardassem as formas estabelecidas nos povos civilisados: o anno passado a Camara de Deputados em França authorisou o duelo, quando alguns amigos dos Generaes Lamarke e Sebastiani pretendião evitar hum encontro entre aquelles dois illustres Chafes. Em Inglaterra não me lembro de hum só primeiro Ministro desde Lord Northon até hoje que não tivesse tido hum, dois ou mais duellos; Pitt, Fox, o Marquez de Stafford, Londonderry, Mr. Canning, o Duque de Wellington, etc., todos recceberão huma palla, apalparão, ou ferirão os seus contrarios. Nos Estados Unidos desde o General Hamilton Vice Presidente, que morreo n'hum duelo, o Comodor Decatur etc., até o ultimo homem publico e privado, todos decidem as questões de pundonor por via de hum duelo; e são de ordinario os Povos mais civilisados os que admittem esse genero de des affronta, como o remedio mais certo para evitar os assassinatos proditorios. Em Italia, por exemplo, onde he peccado mortal o duelo; ha o officio de *Espadachim*, em que se exercitavão varios homens para vingar as offensas dos outros por surpresa e aleivosia; em Napoles, sobretudo, o assassino por paga he hum officio, e a policia muitas vezes se serve desses bandidos para as suas incursões domiciliarias. Dizem que *Fra Diavolo* começou assim a sua carreira. Finalmente, entre todos os flagellos que nos perseguem, eu não sei á qual dar a preferencia mais damninha; hum Povo que anda munido constantemente de huma arma aleivosa he aleivoso por condição; e hum aleivoso he tímido, cobarde, vil, desprezivel, e se submete á tudo quando aparece hum homem valente que lhe bate o pé.